

“Uma escola foi visitar um hospital...”
O lugar das notícias na vida das crianças.
Estudo exploratório

Maria João Malho e Isabel Pato

Instituto de Apoio à Criança

Vítor Tomé

Jornalista e doutorado na FPCE/Universidade de Lisboa

Resumo:

Este artigo apresenta resultados de um inquérito a crianças do 4º ano de escolaridade de oito escolas públicas, que procurou identificar como é que crianças de diferentes meios sociais e geográficos se relacionavam com a informação noticiosa, de imprensa e televisiva. Os resultados destacam diferenças sócio-culturais e, em menor grau, variações por género, mas também apontam a transversalidade dos recursos tecnológicos nos lares. Se temas de risco social (maus-tratos, abandonos, raptos, pobreza/fome) são os mais recordados como notícias que envolvem crianças, estão também presentes outras matérias próximas dos seus quotidianos, nomeadamente na imprensa regional. A análise contribuiu ainda para reflexões de ordem metodológica na investigação com crianças, que encerram o artigo.

Palavras-chave:

Crianças e notícia; Televisão; Imprensa; Investigação com crianças.

Introdução

No Portugal de hoje, como acontece na maioria dos países, é notória uma maior preocupação pela criança, encarada como sujeito de direitos, mas ainda escasseia a tradução dessa sensibilidade nas mais diversas situações que envolvem crianças, entre elas a cobertura jornalística de matérias que lhes dizem directamente respeito ou mesmo a produção de noticiário que lhes seja especialmente dirigido.

É sempre bom recordar que a Convenção sobre os Direitos da Criança apresenta com clareza dois artigos associados a este direito à informação. O Artigo nº 13 refere que a criança “tem direito à liberdade de expressão” e que esse direito “compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias”. Por sua vez, o Artigo nº 17 aponta que os estados signatários da Convenção “reconhecem a importância da função exercida pelos órgãos de comunicação social e asseguram o acesso da criança à informação...”. Entre o que está estabelecido na Convenção, de que Portugal foi um dos primeiros países signatários, sobre este direito *da criança* à informação, nas formas da sua expressão e do seu acesso, e o que se verifica no quotidiano *das crianças* – reais e com diferentes condições de vida – existe contudo um vazio de conhecimento. Na verdade, se são escassos os estudos sobre os usos e a importância dos meios de comunicação social pelas crianças no nosso país, são-no particularmente no que se refere a conteúdos noticiosos.

Neste sentido, o Projecto *Crianças e Jovens em Notícia*¹ incluiu entre os seus objectivos o de ouvir crianças e jovens sobre notícias que lhes dizem directamente respeito. O propósito da equipa encarregue de realizar este objectivo junto de crianças em idade escolar (final do 1º ciclo) foi dar início a essa audição de uma maneira exploratória, privilegiando a conversa e preparando um questionário que elas pudessem preencher e que permitisse quantificar algumas tendências. E fomos ouvir crianças sobre o que pensavam da televisão, se viam telejornais, se conversavam sobre as notícias, se se lembravam de notícias que tivessem falado de crianças.

Foi de consenso realizar este primeiro estudo de caso exploratório sabendo nós à partida que as metodologias de investigação científica em que o grupo alvo é composto por crianças são particularmente complexas e difíceis de utilizar. Contudo, consideramos que é necessário “dar voz” aos grupos que habitualmente são ignorados e de que ao fazê-lo, e reflectindo sobre como o fizemos, esse processo de inquirição abre caminhos a novas vias para chegar ao pensamento e à palavra das crianças. Se os *media* são espaços que permitem e vivem da visibilidade da(s) notícia(s)... o que é que as crianças pensam disso?

Objecto de Estudo e Metodologia

O objecto de estudo são as crianças, entendidas em si mesmas e sua “circunstância familiar” (Gomes-Pedro, 1999). As crianças têm, cada uma e no seu conjunto, um mundo próprio, o mundo da diferença. É o paradoxo da diferença e das diferenças.

Ao realizarmos este estudo de caso exploratório tentamos “perceber” o mundo dos *media*, em particular das notícias, através das próprias crianças, iniciando

o estudo desta temática em Portugal. Como seres sociais, também as crianças precisam de momentos e espaços para convívio, interacção, reflexão ... É através da linguagem seja ela corporal, gestual e oral que transmitem o que sentem, o que vivem. É através das relações inter-pessoais que as crianças, como os adultos, aprendem e apreendem as regras da vida em comunidade. Como é pelo confronto que as crianças vivem os diversos e diferentes momentos em que se têm de posicionar, fazer escolhas. É a partir deste(s) princípio(s) que resolvemos saber que percepção e que compreensão têm crianças, de diferentes meios e condições sociais, sobre os *media*, os jornais, os telejornais, que valor(es) lhe(s) atribuem.

Como refere Pinto (2000: 306) realizar estudos/investigações em que o enfoque esteja nas crianças resulta na avaliação de “um problema social e político”, onde se podem reflectir dimensões várias, desde disparidades sócio-regionais no acesso e benefício a bens culturais, criação, manutenção, animação e qualidade de serviços dirigidos à criança, às políticas de família, à organização da vida urbana ou às políticas educativas, entre tantas outras. Ainda que a grande maioria das crianças portuguesas não viva em carência, desespero e desrespeito, elas vivem problemas que se inserem “em duas vertentes dominantes: a não existência de qualquer projecto ou metodologia científica que a estude”, por um lado, e, por outro “a importação maciça de hábitos, vícios (...), de valores, desadaptados (...) à nossa cultura e à nossa circunstância” (Gomes-Pedro, 1999: 68-69).

Apesar de aparecerem com frequência na comunicação social, na publicidade, e como instrumento de propaganda política, as crianças não são ainda e na realidade, uma prioridade que tenha tradução prática em atitudes, actos ou decisões políticas consequentes, credíveis e reais. Não são vistas, nem entendidas, como seres competentes e únicos, ou seja, se existe a intenção, muitas são as ambiguidades, incoerências e paradoxos entre o compromisso político e a realidade existencial das rotinas de vida das crianças. A intenção de “dar prioridade à criança” não tem tido tradução efectiva na realidade.

Orientações metodológicas

Nestas idades as crianças entendem o que se pretende com as questões que lhes são colocadas e são capazes, de forma individual, isoladamente, de reflectir sobre o que se lhes pergunta. Se há limitações, há vantagens e desvantagens, como refere Qvortrup (2000), e para o estudo de que agora se dá conta apenas alguns resultados a opção mantém-se válida. Esta fase etária corresponde a um período fundamental para o desenvolvimento social da criança, está capaz de estabelecer novas relações sociais, e de reformular a sua visão e compreensão sobre o mundo (Malho, 2003: 54).

A escola surge como o espaço, o local facilitador de e para o contacto com as crianças. “Não só porque é um dos principais contextos de vida, mas também porque, em termos organizacionais, as crianças estão geralmente agrupadas por características como idade e nível de ensino frequentado, neste caso, o 4º ano de escolaridade. O procedimento metodológico para chegar às crianças é natural e sem necessidade de criar cenários artificiais para o contacto com elas” (Malho, 2003: 55). Por outro lado e segundo Saramago (2001: 1), a escola propicia ambientes privilegiados para o desenvolvimento de “pesquisas empíricas” com crianças.

A opção de trabalhar com crianças destas idades, justifica-se porque possuem capacidades e competências intelectuais que lhes permitem verbalizar com alguma facilidade as percepções e representações sobre os seus quotidianos e espaços de vida, assim como emitir juízos de valor sobre o que as rodeia (Piaget & Inhelder, 1997).

A escolha da amostra

Este estudo tem como população alvo crianças de ambos os sexos, a frequentar o 4º ano de escolaridade, em estabelecimentos de ensino da rede pública, no distrito de Lisboa (escolas A, B, C, D e E) e Castelo-Branco (escolas F, G e H). As escolas A, B e E situam-se em bairros populares e de realojamento social. A escola C situa-se numa zona residencial de classe média-alta, enquanto a escola D se situa numa zona de cruzamento da cidade de Lisboa. A escola F situa-se num concelho rural enquanto as escolas G e H são urbanas, da capital do distrito.

Ainda que estas escolas constituam uma amostra de conveniência², nem por isso os resultados deixam de ter o seu significado e esta análise exploratória permitiu à equipa identificar questões para o prosseguimento da pesquisa *sobre e com* crianças.

Instrumentos e procedimentos

Para além de uma conversa em turma, de que se dará conta, foi utilizado um questionário com perguntas na maioria fechadas, e algumas perguntas abertas, respondidas pelas próprias crianças na nossa presença e disponibilizando-nos para esclarecer qualquer dúvida no seu preenchimento. A elaboração do questionário teve por base a análise de questionários já utilizados noutros estudos sobre crianças, ainda que com objectivos diferentes.

Foram realizados contactos informais com os professores dos 4ºs anos de escolaridade das escolas, convidando-os a participar no estudo. Como a

receptividade foi boa, oficializámos os pedidos e foram enviados a todos os pais/ encarregados de educação de todas as crianças a frequentar estas escolas os pedidos de autorização para podermos conversar com estas explicitando o tipo de perguntas que queríamos fazer e a pertinência de realizarmos a pesquisa. Após a recepção das autorizações (nem todas as crianças tiveram permissão para falar connosco) foi feita uma calendarização para o desenvolvimento do trabalho de campo, marcadas visitas e permanências (parte do dia de aulas) nas diferentes escolas.

O primeiro encontro com as crianças

Quando nos apresentámos na turma e dissemos ao que íamos, de imediato houve crianças que puseram questões ("para que querem saber isso?") e trouxeram logo as suas diversas vivências: "eu costumo ver os telejornais"; "eu leio a Bola com o meu irmão mais velho", "eu vejo os Morangos com Açúcar", "eu não, que a minha mãe não deixa ver"... Quiseram também logo saber a nossa idade, estranhavam querermos saber coisas sobre a televisão mas não estarmos a filmar, perguntavam-nos se eles iam aparecer. A televisão mostrava estar bem presente nas suas vidas, e terem conhecimento das vias pelas quais as imagens das pessoas chegam aos ecrãs.

Depois de conversarmos sobre as dúvidas e de nos oferecerem "retratos", feitos sobretudo pelas meninas, foi explicado e reforçado o pedido de que precisavam de falar em casa de nós e a razão do porquê, para obtermos consentimento informado dos pais (num total de 252 crianças, haveria apenas recusas de 6 pais).

Explicámos que o trabalho seria anónimo e para entenderem o significado disso, mostrámos no quadro da sala de aula como é que nós fazíamos o registo, dando números aos diferentes questionários, um para cada um deles e o mesmo número para a turma e a escola. Em nenhum lugar do questionário podíamos colocar qualquer palavra que pudesse identificar qualquer criança e, por isso, também eles não podiam escrever o(s) seu(s) nome(s). Referimos ainda que, segundo a Convenção sobre os Direitos da Criança, eles podiam, caso quisessem, conversar, perguntar e informar-se sobre o que os rodeia, os preocupa, o que gostam e não gostam... Neste sentido, oferecemos a cada criança incluindo aquelas que não tiveram permissão para trabalhar connosco um marcador de livros com os 10 artigos fundamentais da Convenção sobre os Direitos da Criança (direito à saúde, direito a ter um nome, direito a ter uma família ...).

A aplicação dos questionários

Após este primeiro encontro foi acordado entre todos quais os dias e horas para aplicarmos os questionários. De Janeiro a Abril de 2007 foi elaborado, validado e aplicado o questionário, realizaram-se as visitas às escolas, solicitadas as diferentes autorizações e realizado o trabalho de campo. Em Junho, como prometido às crianças, demos notícias sobre a situação do trabalho e, foi-lhes dito, que em Novembro íamos “falar a muitos adultos” (no Seminário de discussão dos resultados do Projecto *Crianças e Jovens em Notícia*), sobre o que elas pensam sobre as notícias, agradecendo assim de novo a sua colaboração.

Uma das vantagens da utilização desta metodologia é que a grande maioria das crianças adere com satisfação e agrado. Desde o início, sentem e vivenciam momentos em que percebem que as suas opiniões são tidas em conta e valorizadas. Ninguém é esquecido, nem ultrapassado, todos têm igual valor. E, mesmo aquelas que por qualquer razão têm mais dificuldade, recebem apoio próximo e sistemático sem serem postas em causa pelo grupo.

Apesar dos procedimentos facilitadores, registaram-se algumas dificuldades no preenchimento do questionário, sobretudo nas respostas relativas a profissões e níveis de escolaridade dos pais, havendo mesmo algumas não-respostas. Também houve dificuldades em responder de forma fechada sobre a composição do agregado familiar, nomeadamente crianças de pais divorciados que alternam as semanas em casa de um e de outro, e crianças que passam os dias da semana em casa de avós e só ao fim-de-semana vão para casa dos pais. Nestes casos, sugeriu-se que a criança assinalasse a casa onde gostava mais de estar. Algumas questões sobre as práticas de “ler notícias” ou “ver noticiários” recolheram também bastantes não-respostas.

Tratamento dos dados

Os dados obtidos nas perguntas fechadas foram processados e tratados pelo programa de estatística Statistical Package for Social Sciences (SPSS 15.0 for Windows). Nas respostas abertas em que as crianças referem as notícias de que se lembram, estas foram fechadas utilizando as categorias do Projecto: Risco Social; Saúde, Assistência e População; Comportamentos, Culturas e Consumos; Educação; Protecção e Segurança; Fait-divers³.

Análise dos resultados

O Quadro 1 caracteriza as crianças deste estudo, por zona geográfica, escola, género e idade. Participaram 246 crianças, 128 do sexo feminino e 118 do masculino, com idades sobretudo entre 9 e 10 anos.

Quadro 1 – Distribuição da amostra segundo Escola/Género/Idade

Distrito	Escola	Género				Idade (anos)				Total	
		Feminino		Masculino		8-10		11-14			
Lisboa	A	10	4.1%	10	4.1%	11	4.5%	9	3.7%	20	8.1%
	B	9	3.7%	13	5.3%	15	6.1%	7	2.8%	22	9%
	C	17	6.9%	17	6.9%	33	13.4%	1	0.4%	34	13.8%
	D	20	8.1%	16	6.5%	34	13.8%	2	0.8%	36	14.6%
	E	24	9.8%	19	7.7%	39	15.9%	4	1.6%	43	17.5%
Castelo Branco	F	16	6.5%	16	6.5%	29	11.8%	3	1.2%	32	13%
	G	7	2.8%	9	3.7%	14	5.7%	2	0.8%	16	6.5%
	H	25	10.2%	18	7.3%	40	16.3%	3	1.2%	43	17.5%
Total		128	52%	118	48%	215	87%	31	13%	246	100%

Meios distantes, contextos semelhantes

Embora situadas em meios geográficos distantes entre si, ressaltam semelhanças na caracterização das crianças.

As escolas A, B, E e H apresentam populações com níveis etários mais elevados (Quadro I). Relativamente às famílias e seus níveis de escolaridade, as escolas C, D, G e H, apresentam uma menor percentagem de crianças a viverem em famílias nucleares e um maior número de mães e pais com níveis de escolaridade que não ultrapassam o primeiro ciclo. Em termos de singularidades, mais de metade das crianças B não vive com ambos os pais, as mães e os pais das crianças das escolas C e D são os que apresentam mais profissões diferenciadas e habilitações de nível superior, a maioria dos pais e mães de crianças das escolas A, B e E, de bairros de realojamento, têm profissões indiferenciadas.

Conforme explicitado no Quadro I, apenas 3 escolas (A, C e F) têm o mesmo número de meninas e de meninos na turma. As crianças do sexo feminino (128) são ligeiramente mais do que as do sexo masculino (118), e predominam nas escolas D, E e H. A grande maioria das crianças tem 9 ou 10 anos de idade (85,8%), o que é um bom indicador tendo em conta que são crianças a terminar

o primeiro nível de escolaridade. Fora desta mancha dominante, há 5 crianças com 8 anos (de escolas variadas) e, nas mais velhas, dezassete com 11 anos, oito com 12 anos, quatro com 13 anos e uma com 14 anos.

Do universo em análise, vive com ambos os pais (67,1%). Nas restantes 32,1% que referem não viver com ambos os progenitores, predomina a família unifamiliar e avós e pais; só com a mãe 8,9%; com avós e pais 8,1%. Seguem-se situações de famílias recompostas (6,9%), família monoparental masculina (1,2%) e outras situações[1] (4,9%), estas últimas atingindo 12 crianças (das escolas B, D e E). Uma das dimensões para caracterizar os ambientes de vida das crianças dizia respeito à existência de computador e Internet no lar e aos seus usos. Das 193 crianças (78,8%) que referem ter computador em casa, as escolas B e G apresentam uma distribuição mais equitativa entre quem tem e não tem computador. Já quanto à existência de Internet em casa, a distinção entre escolas sobressai: as crianças das escolas C, D, E e H são as que em maior número dispõem desse recurso.

Quase todas as crianças com acesso em casa à Internet usam-na já nestas idades, atingindo a totalidade nas escolas A, B, D e G, apesar das diferenças sociais das populações destas escolas. Das 111 crianças que referem navegar na Internet a maioria destas (62,6%) refere “jogos e ouvir música”, e as actividades de comunicação com outros (msn, messenger, chats...), é referido por 33,6% das crianças. O uso da Internet para fins escolares é assinalado por (49,5%) sobressaindo as crianças que frequentam as escolas C e D, todas de ambiente urbano, e a ausência total desse uso aparece na escolas B e G, esta última também de cidade.

As crianças e os jornais

Das 246 crianças que participaram neste estudo, cerca de seis em cada dez (55,9%) respondeu no inquérito ter o “hábito de ler jornais”, o que pode significar apenas uma resposta simpática, conhecendo os propósitos do nosso estudo. Tomando essa circunstância em consideração, é de referir contudo que foram muitos os títulos de jornais mencionados, para além dos listados no próprio inquérito⁴. O jornal mais referido pelas crianças foi *A Bola*, muito referido por meninos, seguido do *Correio da Manhã*, este em primeiro lugar na escolha das meninas. Nos restantes jornais da lista não se registaram diferenças por género, com as crianças das escolas C e D a referirem mais os jornais da lista fechada do que a recorrerem a “outros”. Neste grupo dos “outros”, os jornais gratuitos (Metro, Destak, Dica da Semana) foram referidos nas escolas A, B e D, todas do distrito de Lisboa, enquanto em Castelo Branco se destacou o diário regional *Reconquista* em todas as escolas. Outros jornais desportivos foram também referenciados.

Quando foi perguntado às crianças *como* liam as notícias dos jornais, registou-se um número mais reduzido de respostas: apenas 137, ou seja, pouco mais de metade das crianças do nosso estudo. Mais de metade das que responderam, 75 crianças, declararam ler sem companhia, sobretudo nas escolas C, D, F e H. Apenas 30 crianças (15 de cada distrito) referiram ler as notícias na companhia dos pais.

Quanto a conversar sobre as notícias dos jornais, pergunta respondida por 107 crianças (menos ainda do que na questão anterior), a maioria das crianças referiu não conversar com ninguém. Por escolas, distinguiram-se duas onde as crianças conversam mais sobre as notícias: a escola C, onde as habilitações académicas dos pais são mais elevadas; e a escola E, onde as crianças vivem mais com os avós.

Nestas duas questões, assinala-se uma diferença de género: as meninas referem mais ler notícias e conversar sobre as mesmas, e apresentam também uma maior diversidade de pessoas com quem conversam (pais, irmãos, outros familiares).

De que notícias de jornais (ou assuntos das notícias) relacionados com crianças se lembram, foi também uma questão difícil de responder: apenas 89 das 246 crianças (36%) responderam a esta pergunta. As escolas que registaram maior número de não-respostas foram a C (56%) e a E (60%). As escolas onde mais crianças indicaram notícias de jornais de que se lembravam foram as E, F e H. As respostas das crianças destas escolas referem os mesmos temas: *caso Joana e meninos com fome em África*.

Das crianças respondentes, a maioria foram de novo meninas, que deram também respostas mais diversificadas.

Os assuntos referidos foram comuns a meninos e meninas: maus-tratos e outras situações de risco social e notícias de actividades para crianças. Entre as respostas por escolas, todas as crianças recordam situações de risco social (abandono, maus-tratos, negligência, raptos, vítimas de guerra...), destacando-se a escola H. Os maus-tratos aparecem mais vezes referidos por crianças do sexo feminino e as actividades lúdicas que envolvem crianças (escutismo, desporto, cantar as Janeiras) foram mais referidos por crianças do sexo masculino. Este último tema de notícia de jornal, que não aparece nas escolas A, C, D, E e G, tem grande destaque na escola F, a escola de meio rural do Distrito de Castelo Branco. Situações relativas a saúde e educação e segurança foram também referidas.

Tendo sido inquiridas entre Fevereiro e Abril de 2007, as crianças respondentes recordaram algumas situações noticiadas largos meses antes. A listagem seguinte apresenta algumas das respostas das crianças, identificando-as por escola, idade e género (M e F).

Risco social (maus-tratos, raptos, pobreza, vítimas de guerra, crianças disputadas)

- A Natalie quando foi raptada (Escola A, 12 anos, F)
- Uma mulher tinha metido uma criança dentro dum saco (Escola B, 9 anos, F)
- Crianças que foram maltratadas por duas amas (Escola B, 12 anos, M)
- Dois bebés, que um foi posto no lixo e outro foi enterrado e encontraram o bebé vivo (Escola B, 10 anos, F)
- Crianças que não tinham comida e viviam na rua (Escola C, 9 anos, F)
- Uma criança que morreu à fome porque a mãe não lhe dava comida (Escola C, 9 anos, F)
- Crianças na guerra (Escola E, 10 anos, M)
- Três crianças que a mãe as fechava num quarto à chave (Escola E, 9 anos, F)
- O caso da Joana e Natacha que foram violadas e maltratadas (Escola H, 9 anos, F)
- O caso de meninos pobres em África (Escola H, 9 anos, M)
- Uma criança que foi adoptada e depois a mãe da menina queria a menina de volta (Escola H, 9 anos, F)
- Crianças que usavam armas (Escola D, 9 anos, M)

Comportamentos, culturas e consumos

- As janeiras (Escola F, há nove crianças que mencionam esta festa)
- As crianças que deixaram de ler e passam horas a ver televisão (Escola H, 9 anos, F)
- Um grupo de meninos que jogava à bola (Escola H, 10 anos, M)
- Sobre uma criança que queria ser professora (Escola B, 9 anos, M)
- O magusto do escutismo (Escola F, 9 anos, F)
- Um comboio que visitava Lisboa toda e era só para crianças e parava no parque e lá havia um coelho com um homem lá dentro (Escola D, 9 anos, F)
- Sobre o futebol (Escola H, 9 anos, F)

Saúde (criança da ciência, doenças incuráveis, obesidade)

- Dois gémeos que estavam pregados barriga a barriga (Escola B, 11 anos, M)
- Um menino que tinha um cancro e antes de morrer conseguiu fazer muitas actividades sozinho (Escola D, 9 anos, F)
- As crianças cada dia se tornarem mais gordas e com doenças (Escola E, 9 anos, F)

Educação

- Uma escola que tinha uma tenda que fazia de refeitório e quando chovia, chovia lá para dentro (Escola D, 9 anos, F)
- A greve das aulas de substituição (Escola G, 9 anos, M)
- Uma escola que foi visitar um hospital e conhecer aquilo (Escola G, 9 anos, M)

Prevenção e Segurança/Acidentes

- Um cão que mordeu na cabeça da menina e a menina levou 55 pontos na cabeça (Escola A, 11 anos, M)

As crianças e a televisão

Das 246 crianças deste estudo, mais de metade (139 crianças) afirma ter televisão no quarto. Destas, 73 são do sexo feminino e 66 são do sexo masculino, não havendo portanto variação por género. É nas escolas E e F que há mais crianças que declaram ter televisão no quarto. Os canais mais referidos pelas crianças são a TVI e a SIC (lideram em ambos os sexos, mais destacados pelas meninas) e o canal Panda, referido igualmente por crianças de ambos os sexos. A SIC Radical é sobretudo referida por meninos.

À pergunta sobre com quem vê televisão, a larga maioria das crianças (65,3%) referem ver televisão sozinhas, com ligeira vantagem para os meninos: as meninas expressam mais vezes ver televisão acompanhadas. Por escolas, são as crianças das escolas C, D, G e H, que se destacam nesta resposta, seguidas da escola B. Ter companhia a ver televisão surge mais na escola E, de bairro de realojamento e na escola F, de meio rural.

Centrando-nos na informação noticiosa, a maioria das crianças declara gostar de ver telejornais, e considera que as outras crianças também gostam, o que pode de novo significar uma resposta simpática, tendo em conta que conheciam os objectivos da pesquisa. Por isso, é interessante observar o peso das considerações contrárias. Os motivos mais apontados (indicados nas respostas fechadas) para gostar e não gostar distribuem-se sobretudo pelas seguintes respostas:

- Gostam porque “falam sobre as crianças” (100 respostas);
- Gostam porque “dão informação sobre o país e o mundo (98);
- Gostam porque “dizem coisas interessantes” (97);
- Não gostam porque “são aborrecidos” (95);
- Não gostam porque “as notícias são tristes” (82);

Apenas 16% das crianças referiu gostar de ver telejornais por os ver em família e apenas quatro crianças referiram não ver telejornais por “os pais não deixarem”.

O acto de conversar sobre as notícias de televisão relativamente às de jornais alarga-se nas famílias: embora vejam televisão sozinhas, a maioria das crianças refere conversar sobre as notícias de televisão com os pais e os irmãos.

A pergunta “lembras-te de alguma notícia de televisão sobre crianças?” foi respondida por cerca de metade das crianças: apenas 122 afirmaram que sim, um valor superior ao das notícias de jornais.

Das notícias recordadas, sobressaem de novo acontecimentos relacionados com crianças em risco social (maus-tratos, raptos, abandonos, fome), seguida de assuntos relacionados com educação (fecho de escolas, material escolar), saúde (doenças raras) e perigos (acidentes). Actividades realizadas por crianças, que apareciam com frequência nas respostas de crianças das escolas do Distrito de Castelo Branco, desaparecem agora da lista. Acontecimentos ocorridos há bastante tempo tornam a ser lembrados, como o tsunami (por várias crianças) e os casos Joana e Natacha.

Duas crianças de escolas de meios diferentes referem notícias de telejornal nas quais exprimem a sua ligação ao local: *O meu bairro*, recorda um menino da escola B; *Uma entrevista na minha antiga escola, sobre a violência infantil (nós participámos)*, refere uma menina da escola D. A listagem seguinte reproduz algumas das respostas dadas pelas crianças:

Risco social (maus-tratos, raptos, abandono, fome, delinquência...)

- Vandalismo (Escola A, 9 anos, M)
- Uma criança de 2 anos que a mãe bateu e a criança acabou por morrer (Escola A, 9 anos, F)
- Crianças que estão na rua que os pais não querem trabalhar (Escola A, 12 anos, M)
- Uma criança que foi maltratada por duas amas (Escola B, 12 anos, M)
- Uma criança que os pais mataram e esconderam e eles ainda não a encontraram (Escola B, 9 anos, F)
- Uma criança pequenina que estava dentro de um saco preto e uma senhora de idade a encontrou (Escola C, 9 anos, F)
- As crianças que não têm comida (Escola C, 9 anos, F)
- Foi noutra país, num tsunami (Escola C, 9 anos, M)
- Crianças escravizadas (Escola C, 9 anos, F)
- Uma menina que foi raptada e ficou com o raptor oito anos (Escola C, 9 anos, F)
- Os países onde as crianças têm de trabalhar (Escola D, 9 anos F)

- Uma menina que vivia nos montes e os pais não a deixavam ir à escola (Escola E, 9 anos, F)
- Os assaltos às crianças (Escola D, 9 anos, F)
- Três crianças que a mãe as fechava à chave num quarto (Escola E, 9 anos, F)
- O rapto de uma bebé que estava no hospital (Escola F, 10 anos, F)
- O desaparecimento de bebés na maternidade (Escola F, 9 anos, M)
- Uma criança foi adoptada, e agora os que a adoptaram não a querem dar ao pai biológico (Escola C, 9 anos, F)
- As crianças a passar fome (Escola A, 9 anos, F)

Saúde, Assistência

- Uma criança que tem uma doença que não cresce mais (Escola B, 10 anos, B)
- Crianças “imperativas” (hiperactivas) (Escola C, 9 anos, M)
- Uma criança que tinha de ir a Nova York fazer uma operação para andar (Escola C, 9 anos, F)
- As doenças que havia em África (Escola D, 9 anos, F)
- O aborto (Escola D, 9 anos, F)
- Crianças que tinham sida (Escola E, 9 anos, F)

Educação

- Fecharem escolas às crianças (Escola A, 9 anos, F)
- Falta de material (Escola E, 10 anos, M)
- Escolas ou que fecham ou que alguém vai embora injustamente (Escola E, 10 anos, F)
- A escola ter ardido (Escola E, 9 anos, F)
- O peso das mochilas (Escola F, 9 anos, M)
- A greve das escolas (Escola G, 9 anos, F)

Protecção e segurança (acidentes)

- Um pit bull que mordeu uma criança (Escola B, 11 anos, M)
- O que falta falar dos acidentes (Escola E, 9 anos, F)
- Umhas crianças que iam para a escola por uma estrada que havia lá carros, eles iam de bicicleta (Escola E, 11 anos, M)
- Uma criança que foi mordida por um cão no estrangeiro (Escola F, 11 anos, F)

Comportamentos, culturas e consumos

- As crianças não deverem conversar com pessoas que não conhecem na Internet (Escola D, 9 anos, F)

Insólitos, fait-divers (campanhas de solidariedade de figuras públicas)

- Uma criança que viveu 20 anos na selva (Escola D, 9 anos, M)
- Fátima em Dakar, a Fátima Lopes deu-lhes roupas, doces, comida (Escola E, 9 anos, F)

Conclusões

No final desta análise exploratória, gostaríamos de destacar algumas das tendências encontradas, fazer uma leitura destes resultados à luz de outros padrões identificados no Projecto *Crianças e Jovens em Notícia* (análise de imprensa e de televisão), e também partilhar dúvidas metodológicas que se foram colocando.

- Quando a pesquisa foi traçada, considerou-se a hipótese de poder ser relevante a variável geográfica, envolvendo o litoral e o interior. A análise dos resultados aponta contudo para que essa variável se dilua em importância, destacando-se mais as habilitações dos pais (sobretudo da mãe), a profissão dos pais e a composição do agregado familiar na configuração de crianças de escolas com diferentes perfis.

- Apesar de terem sido encontrados esses perfis diferentes, há respostas transversais que contrariam uma divisão binária. Isso destaca-se sobretudo na referência à existência de computador e televisão para uso pessoal e nas actividades mais frequentes da Internet. É como se existisse uma cultura tecnológica comum, um semelhante desejo de posse de tecnologias e de execução dos mesmos usos lúdicos, que poderá ir a par de uma consideração partilhada pelas famílias daquilo que as crianças devem possuir.

- A variável género não se revelou muito relevante, destacando-se contudo que as crianças do sexo feminino conversam mais sobre as notícias, com mais pessoas, e exprimem uma maior diversidade de respostas nas notícias de que se lembram.

- Apesar do elevado número de crianças que não respondeu às perguntas sobre “notícias de crianças de que se recordam” (o que pode ter vários significados, entre eles não desejarem evocar situações desagradáveis ou terem dificuldade em o exprimir), tanto nas notícias de jornais como nas de televisão, as crianças coincidem na referência a matérias de risco social, com destaque para maus-tratos (24), abandonos (13), raptos (12), crianças com fome (7). Casos que envolveram crianças portuguesas num passado recente e que continuam a ser recordados (sobretudo pela televisão) foram mencionados por algumas crianças com grande detalhe na sua descrição. O corpo desprotegido e ameaçado e em que os familiares estiveram envolvidos é a tónica comum no “caso Joana”,

que lidera com 23 referências, e o caso Vanessa ("a menina deitada ao rio"). Estes parecem ser "acontecimentos traumáticos" também para as crianças. Também a criança disputada pelos pais biológicos e adoptantes (o caso Esmeralda) foi muito evocada (10 vezes).

- Há uma coincidência entre os temas de risco social mais referidos pelas crianças (maus-tratos e abandonos) e o destaque encontrado na imprensa⁵. Por contraste com a baixa frequência do tema noticioso da fome, nas peças noticiosas de imprensa e televisão, o seu impacto parece ser muito grande junto das crianças. Este tema é recorrente nas evocações, e frequentemente associado a crianças de territórios distantes, como África. Por outro lado, a violência sexual sobre crianças, um dos temas mais referenciados na imprensa, não é quase mencionado (3 referências ao caso Casa Pia), o que pode ser interpretado como uma matéria particularmente sensível de que não desejam falar, ou como não entendendo ainda o seu significado.

- Também os raptos (ocorrências pouco frequentes nas estatísticas mas muito presentes nas preocupações familiares, constituindo "mitos urbanos") são muito referidos pelas crianças (12 referências), destacando-se o "caso Natacha" (6 vezes). Estas referências frequentes a situações de rapto que lhes podem ser próximas poderão traduzir a preocupação e ansiedades das suas famílias nas considerações do espaço público como um território inseguro.

- Nas semelhanças e diferenças encontradas entre notícias de jornais e de televisão de que as crianças se recordam, se as matérias de risco social são comuns e predominam em todas as escolas, na imprensa o segundo grande tema envolve "notícias positivas" em que as crianças têm protagonismo e isso acontece sobretudo na escola F, do distrito de Castelo Branco (cantar as Janeiras, escutismo, magustos). Ou seja, quando lêem notícias que referem crianças nos jornais, as crianças evidenciam um especial interesse por acontecimentos que lhes são muito próximos, relacionados com os seus quotidianos de vida. Já na televisão, são sobretudo referidos acontecimentos de grande negatividade e associados a perigo e insegurança, como vimos. Aqui, o segundo grande tema recordado pelas crianças são acidentes ou conselhos de segurança, seguido da educação e doenças.

- A existência transversal do computador na casa destas crianças, com muitas delas a acederem aí à Internet, contrasta com a escassez de notícias que refiram o uso seguro das tecnologias, encontrada em análises de imprensa e de televisão no âmbito deste Projecto. Os usos seguros da Internet não têm sido um conteúdo informativo frequente nos telejornais, daí que seja de registar como a sua importância pessoal, mesmo assim, é identificada por uma criança.

- A proximidade das notícias escritas às crianças é claramente mais conseguida pela imprensa regional.

- Constatam-se também que as crianças não conversam sobre as notícias apesar de as ouvirem/verem e que o visionamento das mesmas “deixa marcas”, basta recordar as referências a notícias traumáticas noticiadas sobretudo em 2005 e que nos foram referidas no ano de 2007.

Gostaríamos por fim de apontar questões e dúvidas que se levantaram na análise destes dados, relacionadas com o local de inquirição e o próprio instrumento de pesquisa, o questionário de respostas fechadas, particularmente difícil de utilizar tratando-se de crianças.

Se a escola apresenta um conjunto de vantagens, como enunciámos, poderá também ser um espaço de constrangimento nas respostas e de “procura de agradar ao adulto”. Demos conta de algumas respostas de cuja veracidade suspeitamos, como o elevado hábito de ler jornais. O desafio que se nos coloca é dar um sentido a essas respostas: o que é para uma criança “ler um jornal”? Ou ainda, “o que é uma notícia”? Não teremos partido do pressuposto de que tinham essa ideia como adquirida, até por serem crianças do final do 1º ciclo? Para dar esse sentido, uma pesquisa exploratória qualitativa teria certamente ajudado a desenhar um inquérito mais acessível a crianças desta idade.

O elevado número de não-respostas encontrado nalgumas perguntas fechadas pode traduzir várias situações: a) dificuldade da criança em compreender a pergunta fechada; b) dificuldade em expressar o que entende sobre o assunto escolhendo a resposta mais adequada; c) dificuldade em solicitar ajuda; d) recusa em responder.

Nas perguntas abertas, quando as crianças respondem, e o fazem nos seus termos, nem sempre é claro o significado que se pode retirar. Uma questão difícil de ser entendida refere-se aos modos como as crianças designam as profissões dos pais (no caso de uma criança, “a minha mãe trabalha com ratinhos” significava ser investigadora num laboratório de Ciência).

Tudo isto aponta para a necessidade de conjugar metodologias quando se quer dar a voz às crianças, não se limitando a recolha de dados a um único instrumento. Neste caso, seria interessante ir ouvir de novo as crianças, devolvendo-lhes o que encontrámos e procurando saber junto delas que significados dão aquilo que exprimiram.

Notas

¹ Projecto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e pelo Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010), participado pelo Feder (Refª POCI/COM/60020/2004).

² A escolha destas escolas e não outras relaciona-se apenas e só com a necessidade de conciliar a actividade profissional da equipa (Maria João Malho, Isabel Pato e Vítor Tomé) que o está a realizar com a calendarização do Projecto *Crianças e Jovens em Notícia*.

³ Ver artigo de Cristina Ponte, neste número da revista.

⁴ Fizeram parte da lista fechada os seguintes jornais, indicando-se entre parêntesis o número de crianças que os referiram: Correio da Manhã (45), Expresso (30), Diário de Notícias (29), Jornal de Notícias (27), Sol (8), Público (6), Diário Económico (6), A Bola (65). Nos outros jornais, os maiores valores foram para: Record (21), Reconquista (14); Jogo (5), 24 Horas (4), Dica da Semana (3).

⁵ Vide artigo de Cristina Ponte, neste número da revista, Ponte, Afonso e Pacheco (2007) e a análise do tratamento do Risco Social em quatro diários portugueses em 2005, por Maria João Leote de Carvalho e Levina Ferreira, apresentada no Seminário Crianças e Jovens em Notícia.

Referências bibliográficas

- Gomes-Pedro, J. (1999), *A criança e a nova pediatria*. Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian.
- Malho, M. J. (2003), *A criança e a cidade – independência de mobilidade e representações sobre o espaço urbano*, dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1997), *A psicologia da criança*. Porto, ASA, 1993, 1ª edição.
- Pinto, M. (1995), *A televisão no quotidiano das crianças*. Porto. Afrontamento.
- Ponte, Afonso e Pacheco (2007). *Crianças e jovens em noticiário de horário nobre. Um estudo exploratório de noticiários televisivos emitidos em 2005*. Comunicação ao V Congresso da SOPCOM. Braga
- Qvortrup, Jens (2000), Generation – an important category in sociological childhood research. In Eduarda Coquet (Coord.), Congresso Internacional *Os mundos sociais e culturais da infância*. Braga, Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, II vol. (102-113).
- Saramago, S. (2001), Metodologias de pesquisa empírica com crianças. *Sociologia, problemas e práticas*. Oeiras, Celta Editora, nº 35, (9-29).

